

JOEL NETO

OS SÍTIOS
SEM RESPOSTA

Anúncio

Mudei de clube num dia de Novembro. O sol jorrava sobre Lisboa, que o recebia com um misto de gratidão e rancor – e, no entanto, nem o mês em curso, nem as condições meteorológicas vigentes, extraordinárias mas não inéditas, tiveram o que quer que fosse a ver com a minha decisão.

O que aconteceu, no essencial, foi o que sempre acontecia às segundas-feiras: estávamos os três, eu, Pedro e Alberto, prolongando o almoço muito para lá do devido sob o sol tardio de um daqueles outonos ferventes após os quais só podia vir chuva, muita chuva, muito mais chuva do que era suposto um Deus misericordioso derramar sobre as suas criaturas – e, naturalmente, falávamos de futebol. Até que, ao concluir outra das suas habituais dissertações sobre as origens de nova e inexorável série de derrotas do Sporting, a fé que nos unia e nos puxava para baixo e nos tornava a unir lá no fundo, Alberto ergueu o terceiro uísque:

– Que se lixe. Um homem muda de mulher, muda de partido, muda de religião, muda de tudo aquilo que quiser, até de sexo, mas de clube é que não muda nunca. Portanto, viva o Sporting!

E eu, como se não pudesse evitá-lo, dei por mim de repente:

– Mas não muda porquê?

E logo a seguir, incapaz de conter-me ainda:

– Uma merda é que não muda... Pois escreve aí direitinho, que é para depois não te esqueceres: eu agora sou do Benfica.

Dei por mim a dizê-lo e, ainda por cima, a gostar de ouvir-me dizê-lo:

– Aí tens. Sou do Benfica. Mudei para o Benfica. Mudei para o Benfica e agora quero é que o Sporting vá morrer longe.

A minha paixão pelo futebol nascera e desenvolvera-se quase trinta anos antes, primeiro sobre as bancadas húmidas de um campo de jogos de província, com piso em terra batida e carros estacionados junto à linha de cabeceira, e depois em frente a uma baliza a que os mais velhos insistiam em chamar portão do caminho, mas que para nós permaneceu uma baliza, uma óbvia e milagrosa baliza de futebol, até muito depois de ser já claro que efectivamente se tratava de um portão – apenas do portão de madeira, pintado de um verde quase fluorescente, que separava o patamar inferior do quintal de Maria Carminda da estrada, à qual continuáramos a chamar caminho mesmo depois da chegada do asfalto, e que todos os dias, sem excepção, transformávamos em grande área.

São Bartolomeu era então pouco menos do que é agora: quatro ou cinco centenas de casas brancas, modestas e com barras coloridas, alinhadas ao longo de uma via principal e quatro ou cinco afluentes. Angra do Heroísmo, a menos de uma dezena de quilómetros para leste, com os seus solares e as suas igrejas e as suas duas baías, separadas pelo venturoso promontório natural a que se dera o nome de Monte Brasil, servia-nos de Nova Iorque, uma buliçosa e festiva Nova Iorque de bolso – e Lisboa, do outro lado do mar, a duas horas de

avião por entre ventanias e *cumulus nimbus* e turbulências várias, pouco menos do que a Lua, uma superfície encantada que, aliás, apenas um ou outro jogador, por de mais generoso ao presentear-nos com a sua presença ali, em frente ao portão verde, havia pisado.

Ao final da tarde, reuníamo-nos todos defronte daquela baliza, eu, o meu irmão e quem mais se nos quisesse juntar, apesar da ausência de trave, da aspereza do alcatrão, que arruinava até as calças mais resistentes e nos obrigava a andar a semana inteira com joelheiras de napa pregadas sobre o *terylene*, e das muitas vezes que, toscos ainda, tínhamos de ir recuperar a bola a uma horta de tomateiros, dentro do curral de um vizinho ou aos araçazeiros de Chico Escanchado, um velho ruim e sem sentido de humor, que morava do lado oposto da estrada e há anos jurara esfaquear o primeiro esférico que apanhasse no quintal.

E então ali ficávamos durante horas, pontapeando e defendendo, fintando e assistindo, recebendo e passando de calcanhar, desviando-nos dos carros que irrompiam de meia em meia hora, todos eles já instruídos sobre a nossa presença em frente à baliza, e de novo recebendo, dominando e assistindo para um remate à meia-volta, em vôlei, de bicicleta. Tínhamos os corpos almofadados das crianças – e lá em cima, à varanda, sob o plátano onde nas férias grandes prendíamos baloiços e cordas, como se fossem cipós, o sorriso de Maria Carminda, a líder do matriarcado em que gostávamos de viver, a avó extremosa e a mãe omnipresente, enchia-nos de ousadia e de segurança.

Depois, e durante muitos anos, o futebol foi o tema de conversa que nos restou, a mim e ao meu pai, reduzidos à mesma falta de assunto que leva os pais e os filhos americanos a refugiarem-se no basebol, os pais e os filhos paquistaneses a resumirem-se ao críquete e os pais e os filhos indonésios, supus eu mais tarde, na minha ausência de mundo e na minha absoluta ignorância de que, afinal, também do outro lado do planeta os pais e os filhos estavam tão reduzidos ao futebol como nós, a recorrerem à luta de galos.

Tornei-me do Sporting por causa dele, o meu pai – e não foi sem alguma dor que me mantive fiel a essa identidade durante todos os

dias da minha vida até àquela tarde lisboeta em que me ouvi a mim próprio proclamar-me benfiquista. Na infância, era «o diferente» – e, quando me cabia a mim ocupar-me da baliza, era certo e sabido que os remates iam ser à biqueirada. Na adolescência, era aquele que tinha «a mania» que era diferente, o que vinha a verificar-se pior ainda – e não raras vezes, quando o Sporting voltava a perder e não me restava senão a retórica da superioridade moral para enfrentar os debates públicos de segunda-feira de manhã, a que me entregava com uma paixão proporcional à desvantagem numérica, regressava a casa com os lábios rebentados ao muro.

A ruralidade nunca se dispensou das suas crueldades, sobretudo em tempo de paz. E a Terceira, para todos os efeitos que então importavam, era território do Benfica.

E, todavia, mantivemos o nosso ritual até muito tarde, eu e o meu pai – até depois, inclusive, de eu já viver em Lisboa –, de assistir aos jogos ao vivo e, aliás, trazer no bolso um cartão de sócio do Sporting, que a dado momento passara a guardar no primeiro separador da carteira, onde os heróis usam o distintivo e os mortais, à falta de melhor, enfiam o passe social. Todos os sábados à noite, vivendo eu ainda na ilha ou estando lá de férias, já adulto, nos púnhamos ambos em frente ao televisor, na cozinha fria de São Bartolomeu, os dois com um cachecol verde e branco ao pescoço, os dois engolindo malgas de pipocas com a avidez de quem rói as unhas, os dois correndo para a enorme bandeira leonina pendurada a um canto quando, por absurdo, um dos nossos marcava golo. E, quando nos abraçávamos, era como se realmente estivéssemos em Lisboa, em pleno Campo Grande, nas próprias bancadas do Estádio José de Alvalade, fundidos naquela multidão que celebrava, também ela, o tímido raio de sol que a iludia.

Habitados a perder, restou-nos amar o fracasso, o que tinha o seu mistério. Entretanto, tornámo-nos como que portadores de uma mensagem, quase profetas – e, embora mais tarde o convívio do estádio viesse a sugerir-me que talvez nada disso passasse de uma treta, pouco mais do que uma desesperada manobra de sugestão destinada a aplacar uma fatalidade de infância que, ao fim e ao

cabo, não nos ocorrera apenas a nós mas a muitos portugueses, centenas de milhar de portugueses, milhões de portugueses e de lusófonos e de curiosos dispersos pelos quatro cantos do planeta, assim continuámos a considerar-nos os dois, entre os dois, pelos dois: mensageiros.

Foi ao longo desse período que, à semelhança do que já antes começara a acontecer com as mulheres – a não ser talvez Maria Carminda, a nossa diva comum –, e sem que qualquer um dos três conseguisse fazer o que quer que fosse para contrariá-lo, o meu irmão se foi deixando perder de vista. Mas isso era matéria com a qual nenhum de nós imaginava ainda que teria um dia de lidar.

O meu pai ligou-me esta manhã – e estava falador. Apesar de tudo, persiste naquela figura esguia e atlética, exalando silêncio e honestidade férrea por todos os poros, algo que continua para mim um enigma. Tem variações de humor profundas, o meu pai. Isso percebi-o logo na infância: tem variações de humor profundas e, como se isso não bastasse, não há um padrão para elas. Por outro lado, o tempo e a aposentação tornaram-no mais solitário, talvez mais triste, embora qualquer excepção a essa tristeza, ao longo da vida, não tenha porventura passado de desatenção da minha parte. Há agora muito barulho à volta dele: netos, paradoxos familiares, toda a interminável lista de convenções de que a ordem em vigor sempre se socorre para mitigar a inconsequência – e nunca, desde que o mundo é mundo e nós a espécie encarregada de emprestar-lhe uma intriga, um homem de carácter severo, ao mesmo tempo íntegro e carente, conseguiu evitar que tais circunstâncias lhe agravassem a solidão.

Às vezes ligo lá para casa e quase nem me atende. Falo bastante tempo com a minha mãe, sobre tudo e sobre nada – e, quando a conversa começa a derrapar, chamo-o ao telefone, para o qual entretanto ele acaba por não conseguir debitar mais do que monossílabos, «Sim» e «Não» e «Pois» e «É assim a vida», como se estivesse mais afundado

ainda na sua melancolia, ou talvez apenas a castigar-me, mesmo que sem consciência, por ter-me posto a salvo daquilo tudo. Outras vezes, até certo ponto luminosas, fala pelos cotovelos, disto e daquilo, de uma doença que anda a matar os coelhos bravos e de uma infiltração qualquer que ele precisa de resolver lá em casa, do meu trabalho e até de um amigo a quem falou de mim e que se mostrou bem impressionado com a minha história, para sua comedida mas inegável satisfação.

De um modo geral, são esses os telefonemas que me preocupam mais.

Hoje foi um dia assim. Perguntou-me:

– E as coisas lá na empresa, que tal?

Dissertei o que pude, mas se calhar menos do que o desejável. Ambos o sabemos agora há muito tempo: vender seguros, e por muito que de início me tenha entusiasmado a ideia de ter um emprego a sério, uma vaga independência financeira e uma determinada margem de progressão hierárquica, tão mais considerável quanto me encontrava rodeado de retardados mentais, está muito longe de constituir, para mim, a concretização de um sonho de infância. De início, e ao aperceber-se disso apesar dos meus esforços em contrário, ele não deixou de censurar-me: «Há coisas na vida que um homem tem de fazer.» Com o passar dos anos, porém, foi baixando a guarda, talvez por ter reconhecido que, mesmo não o parecendo, eu estava a fazer essas coisas que um homem tem de fazer, embora muito mais provavelmente por considerar a demanda em qualquer caso perdida.

– E o carro, sempre te adaptaste àquilo das mudanças automáticas? – voltou.

E depois:

– Como é que vai o tempo por aí?

E depois ainda:

– Quando é que dás cá um salto?

E, enfim, quando não lhe restava mais nada:

– E o que é que dizes do Sporting?

Nisto, nenhuma das nossas conversas divergia: animadas ou monocórdicas, da iniciativa dele ou apenas depois de a minha mãe

lhe ter imposto o auscultador do telefone, acabavam todas com uma certa dose de debate sobre o estado do Sporting, as suas magras glórias, os desafios que o esperavam nas semanas seguintes e, sobretudo, verbalizado ou não, o caminho furioso que ele continuava a empreender em direcção a algo novo, revolucionário, e que muito em breve nos permitiria não só dominar o panorama futebolístico nacional como – era mais do que garantido – pintar a Europa de verde e branco.

Respondi-lhe apenas:

– Vamos a ver, vamos a ver. Aquele miúdo argentino dá uns toques...

E ele:

– Ah, pois dá. E de que maneira.

Faltou-me a coragem, mais uma vez, para dedicar-me com ele ao escrutínio do meu crime. O facto é que, a dado momento da vida, eu apostatei. Há agora quase um ano que me devotei a um metódico processo de conversão ao Benfica – e em cada etapa dessa procura dei por mim a pôr o mesmo zelo e o mesmo sobressalto que um cristão-novo poria na aprendizagem do pai-nosso.